



INSPIRAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE JOVENS E ADULTOS DO CAMPO

CADERNO DE METODOLOGIAS

Márcia Brito da Silva
Romier da Paixão Sousa



INSPIRAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE JOVENS E ADULTOS DO CAMPO

CADERNO DE METODOLOGIAS





Série Diálogos Metodológicos
Instituto Federal do Pará, Campus Castanhal
1º Volume, junho de 2020

Realização Realização

Núcleo de Estudos em Educação e Agroecologia na Amazônia NEA/Castanhal
Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão de
Empreendimentos Agroalimentares

Autores

Marcia Brito da Silva
Romier da Paixão Sousa

Revisão Técnica

Romier da Paixão Sousa

Diagramação

Gustavo Espindola de Carvalho

Fotos

Arquivos IFPA Castanhal-PA

Coordenador Editorial

Romier da Paixão Sousa

Apoio:





Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Claudio Alex Jorge da Rocha

Reitor

Ana Paula Palheta Santana

Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação

IFPA- Campus Castanhal

Adebaro Alves dos Reis

Diretor Geral

Luís André Luz Barbas

Diretoria de Pesquisa, Pós-graduação, Extensão e Inovação.

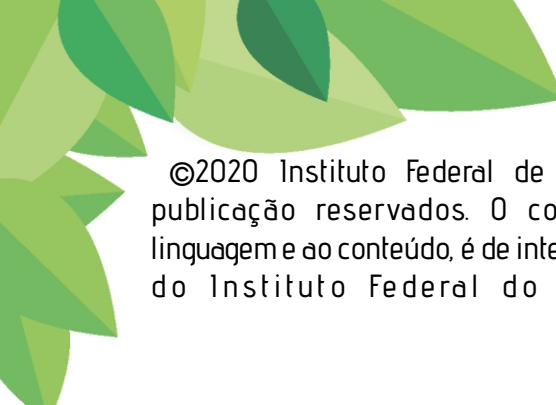
Maria Regina Sarkis Peixoto Joele

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares (PPGDRGEA)

Acácio Tarciso Moreira de Melo e Maria Grings Batista

Coordenadores do Núcleo de Estudos em Educação e Agroecologia na Amazônia (NEA)

Este CADERNO DE METODOLOGIAS foi produzido a partir da Pesquisa de Mestrado intitulada **O PROEJA NO IFPA CASTANHAL: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DIÁLOGO DE SABERES** da discente Márcia Brito da Silva, sob orientação do Prof. Dr. Romier da Paixão Sousa, vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares do IFPA - Campus Castanhal.



©2020 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará. Todos os direitos da publicação reservados. O conteúdo dos artigos aqui publicados, no que diz respeito à linguagem e ao conteúdo, é de inteira responsabilidade de seus autores, não representando a posição oficial do Instituto Federal do Pará, da Editora IFPA ou das instituições parceiras

Ficha catalográfica

S586i Silva, Márcia Brito da

Inspirações para a educação profissional de jovens e adultos do campo: caderno de metodologias / Márcia Brito da Silva, Romier da Paixão Sousa. — Belém: EDIFPA, 2020.

60 p.; il. (Série Diálogos Metodológicos, v.1).

1. Educação de Jovens e Adultos – Castanhal (PA). 2. Educação rural – Castanhal (PA). 3. Práticas pedagógicas. I. Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica – PROEJA. II. Sousa, Romier da Paixão. III. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará. IV. Título.

CDD: 374.098115

Biblioteca/Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Bibliotecária Leontina da Cunha Nascimento – CRB-2: 970

Editora IFPA
Av. João Paulo II, nº 514 - Castanheira
Prédio Reitoria, Sala 07 - Térreo.
CEP: 66645-240
Belém - PA
editora.ifpa@ifpa.edu.br





SOBRE OS AUTORES

Márcia Brito da Silva

Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Especialista em Educação de Jovens e Adultos pelo Centro Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, Mestrado em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares pelo Instituto Federal do Pará (IFPA). É servidora do Instituto Federal do Pará, Campus Castanhal. Membro da equipe de Assessoria técnico-pedagógica do IFPA Castanhal e do Núcleo de Estudos em Educação e Agroecologia na Amazônia NEA.

Romier da Paixão Sousa

Graduação em Agronomia pela Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), Doutorado em Estudios Medioambientales pela Universidad Pablo de Olavide. Professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), Tutor do Programa de Educação Tutorial de Agronomia do IFPA, membro do Núcleo de Estudos em Educação e Agroecologia na Amazônia NEA

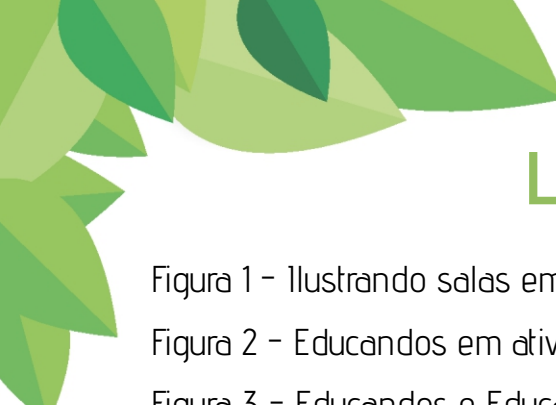




“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

(Paulo Freire)





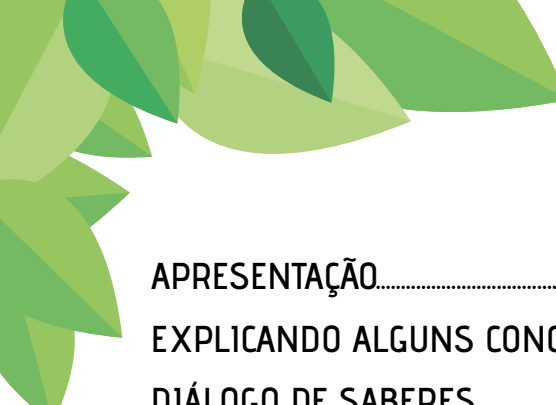
LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ilustrando salas em círculo.....	10
Figura 2 - Educandos em atividades do Projeto.....	15
Figura 3 - Educandos e Educadores em visita de estudos.....	24
Figura 4- Educandos em atividades práticas.....	28
Figura 5 - Educadores em diálogo com educandos em visita tempo comunidade.....	32
Figura 6 - Atividades de Socialização.....	34
Figura 7 - Mapa Falado de Comunidade dos Educandos.....	35
Figura 8 - Educandos em atividade de roda de conversa e práticas de dança.....	43
Figura 9 - Educandos em atividades de jogos com o Açaí.....	50
Figura 10 - Painéis de trabalhos dos Educandos.....	52

LISTA DE QUADROS

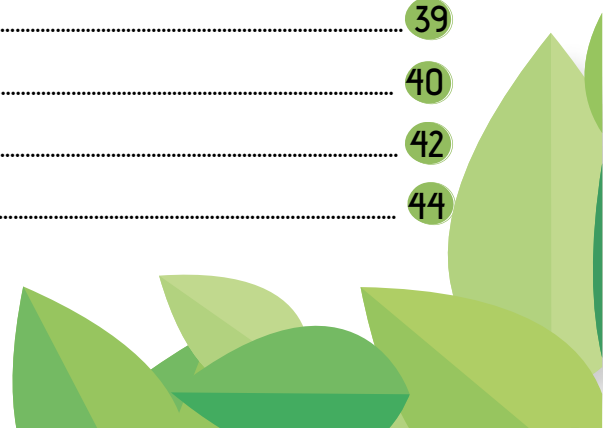
Quadro 1 - Atividades do educador e educandos em um projeto.....	14
--	----

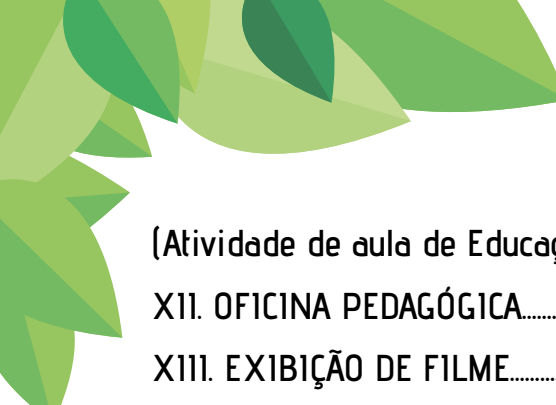




SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
EXPLICANDO ALGUNS CONCEITOS.....	8
DIÁLOGO DE SABERES.....	8
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	8
EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	8
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL.....	8
PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	8
PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA.....	9
PROEJA.....	9
TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO.....	9
TEMPOS E ESPAÇOS DE FORMAÇÃO: TEMPO ESCOLA E TEMPO COMUNIDADE.....	9
O ESPAÇO DE FORMAÇÃO.....	10
AS METODOLOGIAS.....	11
I. PROJETO DE TRABALHO.....	12
Projeto de Olericultura (Roteiro 1).....	16
Projeto de Olericultura (Roteiro 2).....	18
II. VISITA DE ESTUDOS.....	19
Roteiro de Visita de Estudos.....	22
III. SEMINÁRIO.....	24
IV. AULA PRÁTICA.....	26
V. PESQUISA DO TEMPO COMUNIDADE.....	28
PLANO DE ATIVIDADES - 6º TEMPO COMUNIDADE.....	30
VI. SOCIALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DO TEMPO COMUNIDADE.....	32
VII. MAPA FALADO.....	34
VIII. DIAGRAMA DE VENN (OU DIAGRAMA DE TORTAS).....	36
IX. CAMINHADA TRANSVERSAL.....	39
X. AULA EXPOSITIVA DIALOGADA.....	40
XI. RODA DE CONVERSA.....	42
Roteiro de atividade de Roda de Conversa.....	44

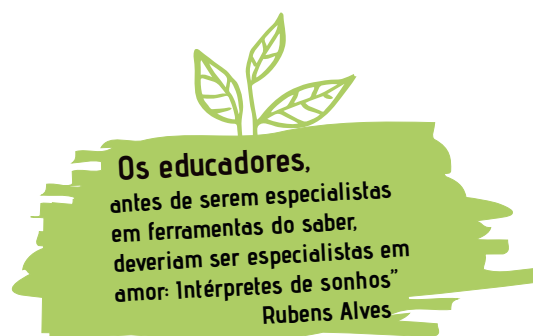




(Atividade de aula de Educação Física).....	44
XII. OFICINA PEDAGÓGICA.....	45
XIII. EXIBIÇÃO DE FILME.....	47
XIV. JOGOS E BRINCADEIRAS.....	49
Roteiro de Atividades com Jogos.....	50
XV. PAINÉIS PEDAGÓGICOS.....	51
RECOMENDAÇÕES SOBRE A PRÁTICA DE AVALIAR.....	52
CONCLUINDO.....	53
REFERÊNCIAS.....	54



APRESENTAÇÃO



Os educadores,
antes de serem especialistas
em ferramentas do saber,
deveriam ser especialistas em
amor: Intérpretes de sonhos”
Rubens Alves

O presente caderno pedagógico foi elaborado como resultado da pesquisa de Mestrado denominada O PROEJA NO IFPA CASTANHAL: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DIÁLOGO DE SABERES, desenvolvida no Programa de Mestrado em Desenvolvimento Rural e Gestão de empreendimentos Agroalimentares do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA, Campus Castanhal.

Esse material didático apresenta metodologias de ensino utilizadas com as turmas do Curso Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), nas práticas pedagógicas desenvolvidas na formação e identificadas na execução da pesquisa de campo junto aos educadores e educandos egressos do curso.

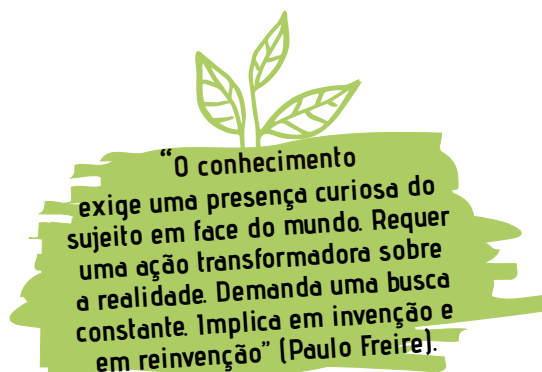
O Caderno conta com atividades envolvendo disciplinas da base nacional comum do currículo e do núcleo politécnico da formação agropecuária e abrange práticas que fomentam a valorização dos saberes e histórias de vida dos educandos e educandas e práticas dialógicas na formação de jovens e adultos. Tenciona também contribuir para o campo de produção de estratégias e materiais didáticos ao trabalho do educador numa modalidade de ensino carente de subsídios que orientem a ação educativa.

Estas propostas visam subsidiar os educadores nas suas práticas pedagógicas, numa lógica que perpassa pela valorização dos saberes dos educandos e pela relação de diálogo que é imprescindível na formação de jovens e adultos.

A pretensão desse caderno não é se constituir em uma receita de métodos e técnicas de trabalho, uma vez que a prática pedagógica é dinâmica. Dessa forma, objetiva apresentar metodologias que possam colaborar com a reflexão e construção de outras práticas, adaptadas ao contexto que se insere a EJA, fomentando uma educação dialógica, problematizadora e significativa para os educandos. Assim, almeja ser fonte de inspiração para novas práticas.

Ainda que tenha sido organizado a partir das vivências da prática educativa com o público da EJA, esse material pode ser trabalhado com outros níveis e modalidades de ensino

EXPLICANDO ALGUNS CONCEITOS



“O conhecimento exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer uma ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção” (Paulo Freire).

DIALÓGO DE SABERES

É a construção e a socialização do conhecimento por meio do diálogo entre o saber popular e o conhecimento científico, entre os conhecimentos diretos e práticos, adquiridos através da experiência de vida da pessoa e os conhecimentos das diversas ciências, que são estudados na formação escolar (GADOTTI, 2014; TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015).

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Modalidade de educação desenvolvida para as pessoas jovens e adultas, que não tiveram a oportunidade de acesso ou continuidade de seus estudos na idade própria (BRASIL, 1996).

EDUCAÇÃO DO CAMPO

A educação do Campo é um projeto de sociedade que pretende em sua ação educativa o desenvolvimento pleno da pessoa, para se inserir criticamente na sociedade. É marcado pela luta do sujeito ao direito de ser educado no lugar onde vive, através de uma proposta de educação pensada com sua participação e vinculada a sua cultura e necessidades (CALDART, 2004). Dessa forma, valoriza a identidade dos camponeses, e contribui para o desenvolvimento de práticas educativas que levam em consideração os processos culturais, as relações sociais e de trabalho dos sujeitos no seu fazer diário (MELO; LIMA; COSTA, 2014).

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Modalidade de educação realizada para formar pessoas para o trabalho em geral, ou para o exercício de uma profissão (BRASIL, 1996).

PRÁTICA PEDAGÓGICA

Prática pedagógica é a atividade desenvolvida pelo educador em sua ação educativa para a



formação dos educandos em diferentes espaços e tempos da escola, na interação entre educador, educando e conhecimento. Implica em ações de ensino com objetivos pedagógicos explícitos, sistematizados e procedimentos didáticos adequados e engloba atividades em classe e fora dela, trabalho coletivo e individual (ARAÚJO-OLIVEIRA, 2008).

PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

A Pedagogia da alternância é uma metodologia que permite a articulação dos tempos e espaços de aprendizagem dos sujeitos, sendo uma alternativa utilizada no processo de escolarização das pessoas das áreas rural, oportunizando meios para que o agricultor possa vivenciar processos de formação escolar sem deixar de desenvolver o seu trabalho. Ela permite aos jovens alternarem período de vida de estudo e trabalho na escola e com a família na propriedade rural. Assim, é uma metodologia que propicia o fortalecimento do vínculo do educando com a sua comunidade, ao alternar tempos, espaços formativos e atividades educativas, por meio da execução de um calendário letivo organizado em períodos de Tempo Escola e Tempo Comunidade (MOLINA, 2010; RODRIGUES, 2014).

PROEJA

É o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, criado pelo governo federal para atender cursos e programas de educação profissional, de formação inicial e continuada de trabalhadores e educação profissional técnica de nível médio, considerando as características dos jovens e adultos atendidos, tanto ao nível do ensino fundamental como ensino médio (BRASIL, 2006).

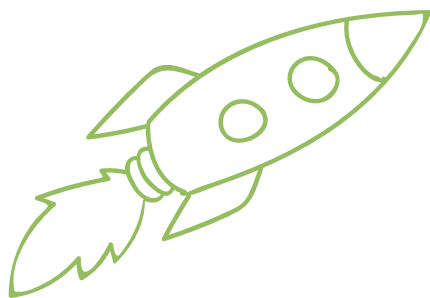
TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO

O trabalho como princípio educativo visa proporcionar ao educando a compreensão e construção dos conhecimentos por meio da vivência do trabalho, como atividade humana fundamental. É uma proposta que desenvolve a formação a partir da compreensão do ser humano integral (GOMES et al, 2014).

TEMPOS E ESPAÇOS DE FORMAÇÃO: TEMPO ESCOLA E TEMPO COMUNIDADE

É uma forma de organização do processo educativo escolar das pessoas do campo, de forma que alterna períodos de estudo e trabalho, na escola e com a família. O tempo escola é o período que os educandos estão em atividades de estudo na escola e tempo comunidade quando retornam para suas residências, para junto da sua família desenvolver atividades de estudo e ajudar no trabalho nas suas propriedades (IFPA, 2013).

O ESPAÇO DE FORMAÇÃO



A ampliação do olhar sobre a realidade com amparo na ação-reflexão-ação, e, o desenvolvimento de uma consciência crítica que surge da problematização, permitem que homens e mulheres se percebam sujeitos históricos, o que implica a esperança de que, nesse encontro pedagógico, sejam vislumbradas formas de pensar um mundo melhor para todos!

Na modalidade de Educação de Jovens e Adultos é relevante que seja dada especial atenção à organização dos espaços. Para isso, levar em consideração a disposição das carteiras, de preferência arrumadas em círculos, de forma que favoreça a relação entre educador e educandos.

As paredes contam a história das aprendizagens e vivências dos educandos. Sob esse aspecto, poderão ser dispostos murais com as produções dos educandos, fotografias da realização das atividades, suas histórias de vida, dando vida ao espaço que compartilham (MEC, 2006).

Além de aconchegantes, com as ornamentações, os espaços passam a compartilhar saberes e valorizar as diferentes vozes ali presentes. Assim, na organização do espaço torna-se importante reunir materiais que dialoguem com a atividade a ser realizada e com a diversidade de saberes das pessoas que participam de forma a acolher, contextualizar e disponibilizar os saberes construídos, trazendo a realidade da vida das pessoas ou do contexto da atividade através dos elementos dispostos no espaço. Aproveitar as paredes para montar varais com fotos, textos, cartazes, imagens. (BIAZOTI; ALMEIDA; TAVARES, 2017).

Figura 1 - Ilustrando salas em círculo



Fonte: Arquivo do educador Romier Sousa

1 <http://www.edpopsus.epsjvfiocruz.br/sites/default/files/texto-2-4-cc3adrculos-de-cultura.pdf>

AS METODOLOGIAS



**“Caminhante,
não há caminho, o caminho
se faz ao caminhar”**

(Antônio Machado)

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino com características particulares, tendo em vista o atendimento de pessoas que trazem em suas histórias experiências acumuladas ao longo de suas vidas.

Nesse cenário, as estratégias e metodologias de ensino desenvolvidas para explorar os conhecimentos no processo de ensino ganham relevância para que a aprendizagem seja significativa para os educandos. Assim, adotar metodologias apropriadas aos jovens e adultos é estabelecer nexos entre os interesses, as necessidades e a realidade na qual estes sujeitos estão inseridos. Torna-se fundamental dar sentido aos processos de aprendizagem. Para isso, a utilização de metodologias que aproximem a realidade dos educandos dos conhecimentos das ciências de maneira geral, é um grande desafio para a ampliação do conhecimento apreendido.



1- PROJETO DE TRABALHO

O projeto é uma ferramenta pedagógica e metodológica muito utilizada no contexto educacional, na perspectiva de motivar os educandos com desenvolvimento de atividades contextualizadas e práticas, que articulam problemas e promovem reflexões sobre as áreas de conhecimento, e que tencionam culminar numa aprendizagem significativa. Eles buscam favorecer uma prática pedagógica crítica, reflexiva e problematizada frente às situações vivenciadas nas diferentes áreas do saber.

A relevância dos projetos está em ser capaz de desenvolver o espírito crítico e investigativo do educando, proporcionando uma maior interação entre o saber popular e o conhecimento científico. Por meio de projetos, a aprendizagem perde a característica de atividade meramente mecânica, abrindo caminhos para novas descobertas e interações entre educandos na sala de aula, espírito coletivo e cooperativo na resolução de situações-problema (RIBEIRO; OLIVEIRA, 2017).

De acordo com Hernández; Ventura (1998) o sentido de desenvolver uma proposta curricular por projetos está em vincular as diferentes informações que confluem para um tema para facilitar seu estudo e compreensão por parte dos educandos, na busca de alcançar uma aprendizagem significativa, a partir da conexão dos saberes prévios dos educandos, do que eles já sabem sobre o tema.

Os projetos objetivam tornar a aprendizagem dinâmica, pertinente, significativa, real e atrativa, organizando-se sem torno de temas que instiguem a curiosidade e o interesse do educando, articulando várias disciplinas, por meio do trabalho interdisciplinar dos conteúdos. O educando aprende no processo de produzir, de levantar dúvidas, de pesquisar e de criar relações, que incentivam novas buscas, descobertas, apreensão e reconstruções de conhecimento.

A execução de um projeto mobiliza educador e educandos na realização das atividades necessárias para cumprir cada etapa. Assim, após a definição do tema do projeto os sujeitos envolvidos desenvolvem várias atividades, as quais seguem elencadas.

Quadro 1 – Atividades do educador e educandos em um projeto



Atividades do Educador	Atividades dos educandos
1 Estabelece o fio condutor do conhecimento que permitirá que o projeto ultrapasse as informações ou instrumentos imediatos	1 Enumera os aspectos e ações que irá executar no projeto
2 Prever os objetivos e conteúdos a aprender no projeto	2 Partilha na colocação em comum do roteiro inicial do projeto
3 Estuda e atualiza as informações sobre o tema	3 Procedem a busca de informações, em várias fontes (escrita, visitas, exposições, vídeos, entre outras)
4 Motiva o grupo, reforçando a consciência do aprendizado	4 Executa o tratamento das informações, por meio da interpretação, ordenação, classificação e novos questionamentos
5 Destaca a importância e atualidade do tema	5 Sistematiza as informações, os aspectos tratados, reelaborando o que aprendeu
6 Planeja e garante uma atitude permanente de avaliação do projeto (avaliação inicial, formativa e final)	6 Avalia o processo trilhado em todas as fases do projeto, realiza simulações e comparações dos conteúdos estudados
7 Sistematiza o processo que se realizou durante o projeto, de forma a socializar com outros educadores, apontando como ponto de partida para novo projeto	7 Sugere novos questionamentos para outros temas, abre novas perspectivas para outro projeto

Fonte: Hernández, Ventura 1998 (Adaptado pela autora)

COMO FAZER



MATERIAIS:

- Quadro ou papéis para anotações
- Canetas
- Textos para leituras e aprofundamento da temática

Socializando propostas de projetos...

Figura 2 - Educandos em atividades do Projeto



Fonte: Arquivo da educadora Gilberta Souto

Projeto de Olericultura (Roteiro 1)²

Tema: “Cultivo de Cenouras em Solos Paraenses”

O projeto será de caráter investigativo, estimulando os educandos a fazer as conexões existentes entre todos os conteúdos, buscando valorizar seus conhecimentos prévios, a partir da execução de atividades variadas de forma a possibilitar a avaliação da construção do conhecimento e a sua reprodução fora do ambiente da escola.

Objetivos:

- Cultivar a cultura da cenoura em duas áreas distintas para avaliar a ação da adubação no cultivo da raiz.
- Oportunizar aos educandos refletirem sobre suas práticas e experimentar em suas atividades agrícolas, nas suas Comunidades.

Conteúdos a serem estudados:

- compostagem e vermicompostagem, matéria prima na adubação orgânica;
- Os tratamentos culturais a serem realizados nas olerícolas de modo geral;
- O método de semeadura direto e indireto, envolvendo todas as olerícolas trabalhadas;
- Colheita, manejo de pós-colheita e o processamento mínimo

Metodologia:

- Divisão da turma em dois grupos
- Definição do tema em conjunto com os educandos

² Roteiro elaborado com base em SOUTO (2012), que descreve as etapas de um projeto de pesquisa desenvolvido na disciplina de Olericultura, com os educandos do PROEJA Quilombola do IFPA Castanhal

- Escolha das áreas destinadas a implantação do projeto. Uma área do setor de olerícolas onde se realiza somente adubação orgânica e outra área que teve anteriormente um plantio de milho, e preparada para a execução do projeto.

- Realização de Diagnóstico inicial para conhecer o nível de informação dos educandos relacionados com o cultivo orgânico (aplicação de questionário aberto).

- Realização de coleta de amostras de solos para conhecer sobre a fertilidade do solo

- Preparo das áreas para o cultivo, semeio das cenouras

- Colheita, pesagem, seleção e processamento mínimo das cenouras

- Avaliação final comparativa para verificar os conhecimentos adquiridos e os conhecimentos pré-existent.

- Uso de caderneta de campo para registro das atividades desenvolvidas.

Desenvolvimento:

- As atividades serão realizadas conforme as aulas ocorram, de forma que os educandos em conjunto com o educador reflitam sobre passos e os procedimentos adotados, os conteúdos sejam aprofundados.

- Todas as atividades desenvolvidas serão registradas nas cadernetas individuais, como forma de avaliar a percepção de cada educando sobre o desenvolvimento do projeto.

Avaliação:

- A avaliação será contínua, sendo realizada em vários momentos ao longo do período de desenvolvimento do projeto.

Projeto de Olericultura (Roteiro 2)³

Tema: A Definir em conjunto com os educandos

O projeto terá caráter produtivo, buscando estimular os educandos a fazerem as inter-relações existentes entre os conteúdos das disciplinas do currículo, a partir da valorização dos seus conhecimentos prévios e execução de atividades diversas no cultivo de plantas olerícolas.

As plantas olerícolas a serem estudadas são:

- Folhosas: Alface, coentro, cebolinha, couve, jambu, cariru
- Frutos: tomate, berinjela, pimentão, maxixe, quiabo, jerimum, jiló
- Raízes: cenoura, inhame, cará, nabo, macaxeira, gengibre

Objetivos:

- Cultivar e produzir culturas olerícolas, oportunizando aos educandos a reflexão sobre as práticas agrícolas desenvolvidas na escola e nas suas Comunidades.

Conteúdos a serem estudados:

- Compostagem e vermicompostagem, matéria prima na adubação orgânica;
- Os tratos culturais a serem realizados nas olerícolas de modo geral;
- O método de semeadura direto e indireto, envolvendo todas as olerícolas trabalhadas;
- Colheita, manejo de pós-colheita e comercialização.

Metodologia:

- Divisão da turma em grupos de 5 ou 6 educandos.
- Cada grupo desenvolverá o projeto produtivo de pelo menos três culturas, sendo uma do grupo de folhosas, uma do grupo dos frutos e outra do grupo de raízes.
- Sorteio das três culturas a serem implantadas por cada grupo
- Definição do tema geral do projeto em conjunto com os educandos

3 Roteiro elaborado com base em projeto desenvolvido pela educadora Gilberta Souto com os educandos do PROEJA do IFPA Castanhal na disciplina de Olericultura

- Definição das áreas e canteiros a serem utilizados para o cultivo
- Preparo das áreas para o cultivo
- Semeio das plantas olerícolas
- Apresentação dos grupos, socializando os resultados do projeto
- Avaliação final

Desenvolvimento:

- As atividades serão realizadas conforme as aulas ocorram, de forma que os educandos em conjunto com o educador reflitam sobre passos e os procedimentos adotados, os conteúdos sejam discutidos e aprofundados.
- As análises das atividades desenvolvidas, dúvidas e contribuições, serão compartilhadas em roda de conversa.

Avaliação:

- A avaliação será contínua, e terá uma culminância ao final do projeto com a socialização de cada grupo, sobre as atividades realizadas

OBS: QUALQUER TEMA PODE SER ESTUDADO EM UM PROJETO

II. VISITA DE ESTUDOS

A visita de estudo é uma metodologia pedagógica, que favorece a inter-relação entre teoria e prática, bem como a conexão entre a escola e a realidade, configurando-se como um potencial para a aproximação entre os sujeitos do processo educacional, motivando a realização de pesquisas e aprofundamento do conhecimento.

As visitas de estudos potenciam a assimilação dos conhecimentos, caracterizando como um momento de concretização do saber teórico e abstrato da sala de aula, por via do acesso direto a



conteúdos de aprendizagem, aproveitando as potencialidades pedagógicas do meio. Apresentam-se como situações educativas em que a utilidade do saber científico é demonstrada, recorrendo-se a exemplos concretos, que oportunizam uma aprendizagem significativa, através da relação entre a teoria e a prática. Além, de configurar-se como estratégia que facilita a educação para a cidadania ao desenvolver nos educandos valores e atitudes indispensáveis aos cidadãos críticos, ativos, éticos e integrados na comunidade (OLIVEIRA, 2012).

A partir das visitas de estudos os educandos poderão estabelecer um diálogo entre os conteúdos teóricos, relacionar os conceitos estudados em sala de aula com as possibilidades práticas, aprofundando os conhecimentos científicos.

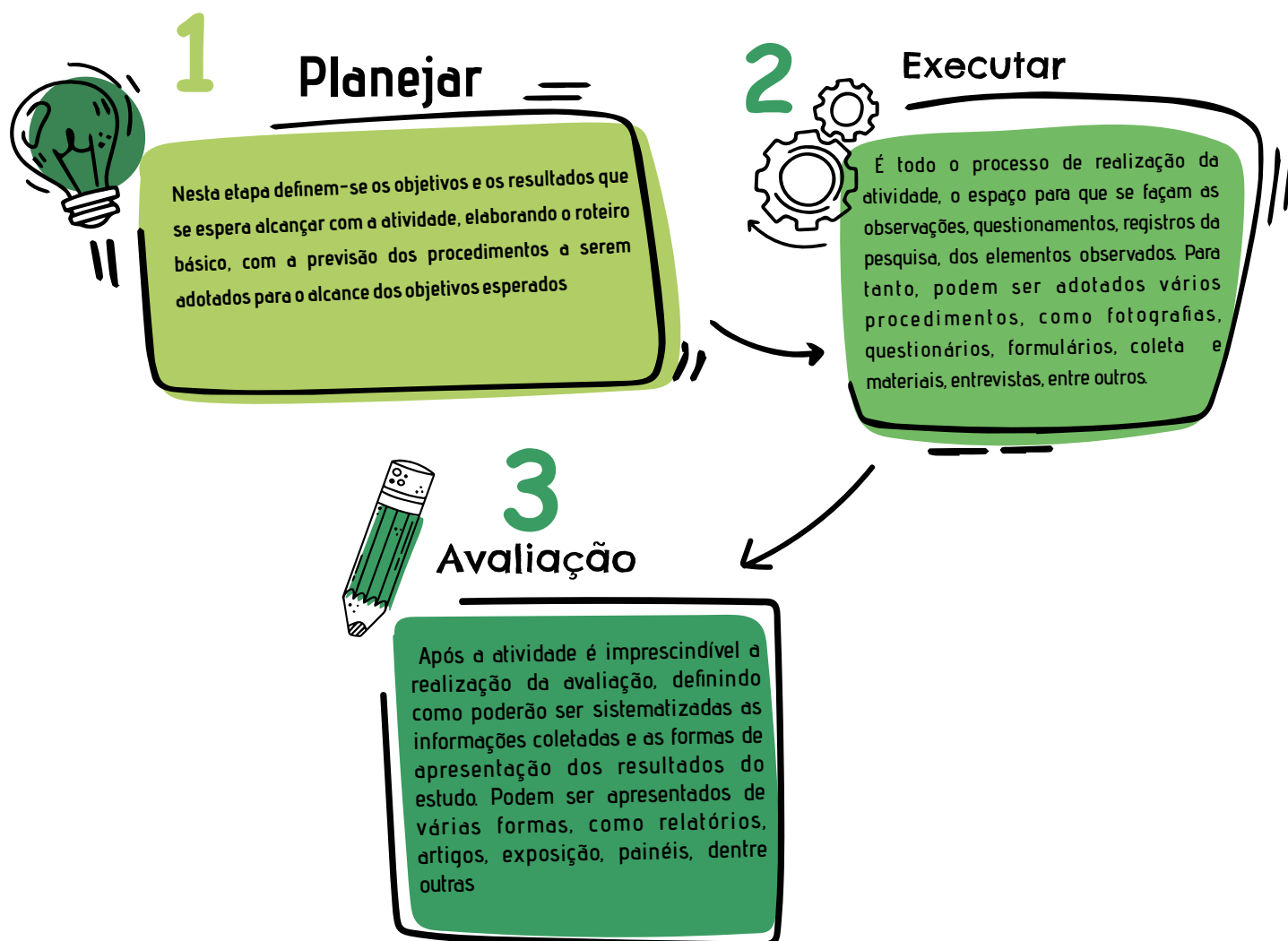
Esta atividade se apresenta como uma ferramenta complementar relevante para a formação acadêmica ao permitir aos educandos aperfeiçoar o que aprendem em sala de aula e aprimorar a compreensão “in loco”, na prática, os termos técnicos e conceitos estudados (COSTA; ARAÚJO, 2012).

No entender de Rebelo (2014) as visitas de estudos são uma das estratégias mais estimulantes, uma vez que a saída do espaço escolar assume um caráter motivador para os educandos, que se empenham na sua realização. Também pelo componente lúdico, propiciam uma melhor relação educando-educador. É uma oportunidade de aprendizagem que proporciona a ampliação de técnicas de trabalho, auxiliam na sociabilidade e aquisição de conhecimentos, proporcionando a conexão entre a teoria e a prática, a escola e a realidade.

A partir da forma como são abordados os conteúdos as visitas de estudos podem se caracterizar como disciplinar, multidisciplinar e interdisciplinar. As visitas de estudo disciplinares são planejadas considerando os saberes de uma dada disciplina sem articulação com outras. Nas visitas multidisciplinares podem coexistir duas ou mais disciplinas, cada uma com a sua metodologia, sem articulação com outras. Já nas visitas interdisciplinares, há uma interação entre os conhecimentos das diferentes áreas do saber. (RATO, 2016).

Nos dizeres de Faria (2014) não existe uma única receita para organizar e dinamizar visitas de estudo. As estratégias de estruturação irão depender do contexto, dos educandos e da forma de lecionar do educador. Todavia, devem potencializar o processo de ensino e motivar para as aprendizagens, abrindo espaço para a pedagogia das atitudes, dos valores e da preservação das memórias e da cultura material.

COMO FAZER



MATERIAIS:

- Quadro ou papeis para anotações
- Canetas
- Roteiro com questões para observações
- Questionários
- Máquina fotográfica

Socializando uma experiência...

Roteiro de Visita de Estudos⁴

Local da Visita: A visita técnica que será realizada no município de Tomé-açu e Acará.



Período: 15 a 17 de setembro.

1. Objetivo

- Diagnóstico dos Sistemas Agroflorestais (SAF's), Fruticultura e culturas industriais.
- Construção do Mapa da propriedade (produtivo); Calendário (Agrícola, sazonais, histórico)

2. Metodologia

No 13º tempo escola será discutido o eixo: Sistematização e estudos sobre os sistemas agroflorestais, da fruticultura e cultivos industriais nos lotes/comunidades. Para o desenvolvimento do eixo, uma das atividades propostas será a VISITA TÉCNICA.

Para a visita técnica os educandos e educandas devem utilizar o roteiro abaixo:

3. Roteiro

Nesse diagnóstico as informações abaixo são importantes de estarem presente na socialização

Sistemas Agroflorestais (SAF's)

- Histórico da área (ano de implantação, o que era plantado anteriormente, objetivo do SAF);
- Identificar qual o sistema Agroflorestal existente no lote/comunidade;

⁴ Roteiro de visita elaborado e desenvolvido por educadores e educandos do PROEJA do IFPA Castanhal

- Classifique o SAF (silviagrícola, silvipastoril, Agrosilvopastoril);
- Descreva o SAF (quais e quantas culturas florestais, agrícolas, frutíferas, animais);
- Identificar as práticas de manejo realizadas no sistema;
- Identificar as culturas exploradas comercialmente, informar qual o destino dos produtos (se é para consumo próprio, para ser comercializado, ou se para os dois destinos);
- Quais as vantagens e desvantagens dos sistemas visitados;
- Quantas pessoas trabalham no sistema;
- Faça o croqui da área (arranjo espacial, arranjo temporal, medição da área, tamanho da área, espaçamento entre as culturas).

Culturas Industriais

- Histórico da área (ano de implantação, o que era plantado anteriormente);
- Quais culturas são plantadas;
- Identificar as práticas de manejo realizadas no sistema;
- Faça o croqui da área (arranjo espacial, arranjo temporal, medição da área, tamanho da área, espaçamento entre as culturas).

Frutíferas

- Histórico da área (ano de implantação, o que era plantado anteriormente);
- Quais culturas são plantadas;
- Identificar as práticas de manejo realizadas no sistema;
- Faça o croqui da área (arranjo espacial, arranjo temporal, medição da área, tamanho da área, espaçamento entre as culturas).

História

- Identificar a existência ou não de desigualdades sociais e conflitos de terras na região e de que forma são atingidos. (museu da imigração).

Sociologia

- Conhecer a história das cooperativas
- Identificar a relação das cooperativas com algum Movimento Social.

4. Sistematização e Socialização do Trabalho

Essa etapa consiste na sistematização (análise) dos dados coletados na visita técnica. Os educadores ajudarão nesse processo de construção e análise dos dados coletados. Posterior a essa etapa os educandos e educandas deverão socializar os resultados obtidos na forma de MOSTRA. Cada educador será responsável por um grupo de educandos que acompanhará a sistematização e socialização do trabalho.

Figura 3 – Educandos e Educadores em visita de estudos



Fonte: Arquivo do IFPA Castanhal

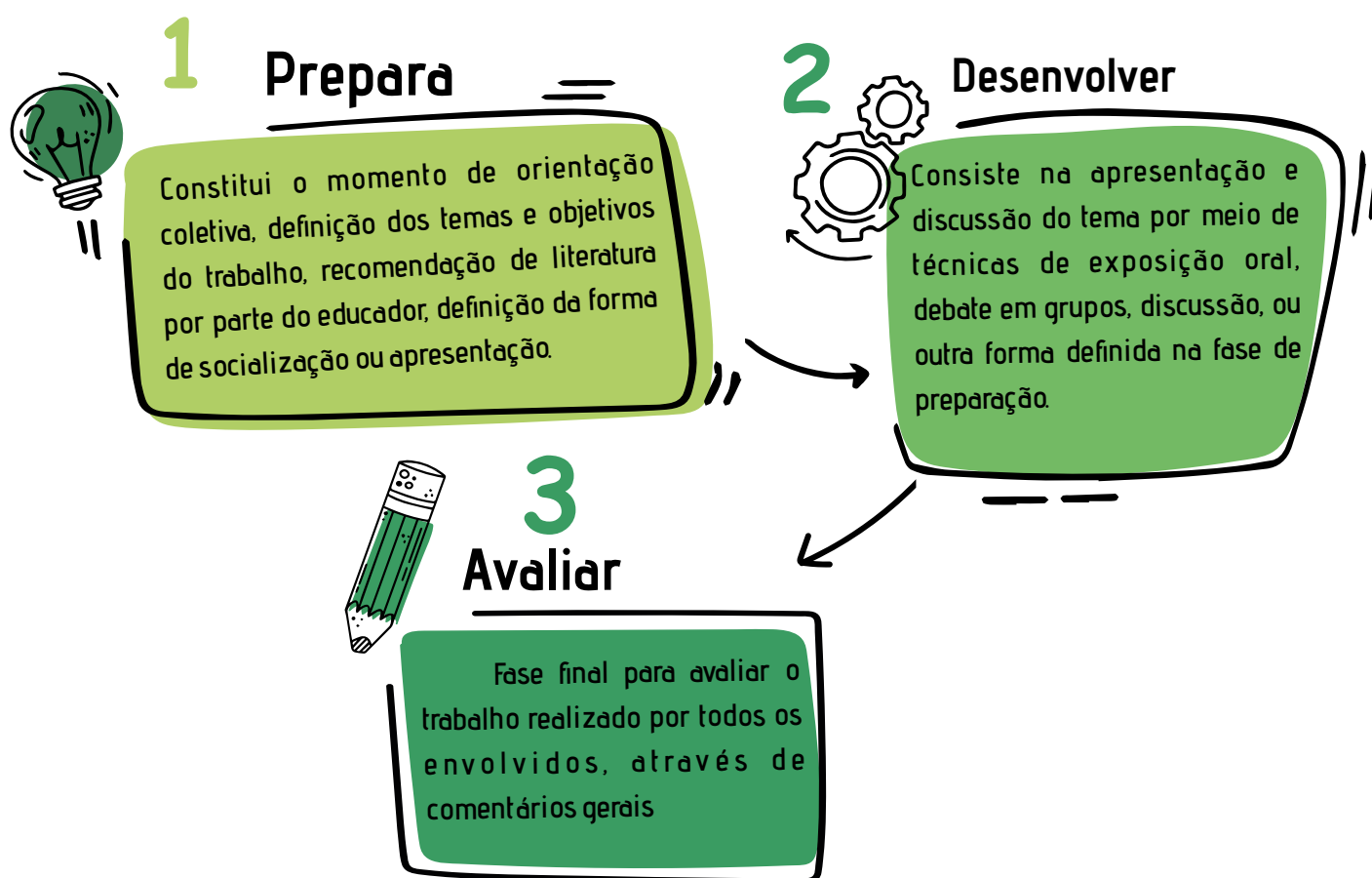
III. SEMINÁRIO

O Seminário é uma proposta metodológica em que os educandos reunidos em grupos pesquisam, debatem, estudam sobre um ou vários temas com a orientação do educador e cujos resultados são posteriormente socializados em classe. É um espaço que oportuniza ao educando desenvolver sua autonomia em buscar fontes de pesquisa, resolução de problemas, tendo uma função ativa na construção do conhecimento.

O seminário se apresenta como uma estratégia para o alcance dos objetivos macros do ensino, a partir do desenvolvimento não somente de conhecimento técnico, mas potencializando a formação intelectual e interativa do educando. (PAZ; NASCIMENTO; SILVA, 2016).

Durante o desenvolvimento metodológico do seminário, os educandos, a partir da orientação do educador, leem e comentam os textos. Em consequência disto, surgem diferentes pontos de vista, interpretações, opiniões e réplicas. (ALMEIDA; COSTA, 2017). Nesta perspectiva, entendemos que a utilização da técnica de seminário oportuniza a realização de uma diversidade de ações, que propiciam o refinamento dos saberes e aprendizados dos educandos.

COMO FAZER



MATERIAIS:

- Livros e Textos para estudo da temática
- Aparelho datashow, cartolinas, e outros materiais para uso na apresentação dos educandos
- Computador com acesso a internet para pesquisas

IV. AULA PRÁTICA

A aula prática é uma metodologia no processo ensino aprendizagem que permite aos educandos compreenderem melhor os fenômenos, no contato com a realidade da temática em estudo, por meio de aspectos experienciais. É um método de aprendizagem a partir do concreto, onde os educandos podem explorar grande diversidade de conteúdos, a partir das observações e execução de atividades práticas no ambiente natural, em laboratórios de ciências e outros.

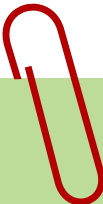
A experiência mostra que as atividades práticas podem contribuir para um melhor entendimento de fenômenos observados no dia a dia, fazendo com que a aprendizagem seja significativa, uma vez que o educando constrói o próprio conhecimento (GAUDENS; OLIVEIRA, 2014).

Dessa forma, a partir da execução prática, da experiência na realidade, o educando internaliza o conteúdo aprendido em sala de aula, permitindo que aprenda a usar ativamente o conhecimento adquirido, de forma a experimentar situações problematizadas e vivenciar a teoria trabalhada em sala de aula.

Quanto às aulas práticas no ambiente de laboratório podem despertar curiosidade e o interesse do educando, facilitando, entre outros fatores, a observação de fenômenos estudados em aulas teóricas. O uso deste ambiente também é positivo quando as experiências em laboratório estão situadas em um contexto histórico-tecnológico, relacionadas com o aprendizado do conteúdo de forma que o conhecimento empírico seja testado e argumentado, para enfim acontecer a construção de ideias (LEITE, SILVA, VAZ, 2005).

Recomenda-se que tanto as aulas teóricas como as práticas sejam articuladas com a realidade dos educandos, de forma que a escola se constitua um espaço em que o sujeito tenha prazer de estar, partilhar e aprender, desenvolvendo seu potencial criativo. Gaudens e Oliveira (2014) enfatizam que a oportunidade de ampliar o aprendizado por meio de aulas práticas pressupõe um modelo de ensino por resolução de problemas, com uso de diferentes estratégias metodológicas para a aprendizagem de diferentes conteúdos, que ensejam na aprendizagem significativa.

Como qualquer outra atividade pedagógica, a execução das aulas práticas exige planejamento, orientação e acompanhamento do educador.



COMO FAZER:

- Reunir os educandos em roda
- Orientar os educandos sobre a prática a realizar
- Demonstrar como realizar a atividade
- Acompanhar o desenvolvimento da atividade
- Refletir com os educandos sobre articulação da teoria e prática na atividade
- Avaliar em conjunto com os educandos os resultados

MATERIAIS:

- Quadro ou papeis para anotações

- Canetas

- Equipamentos e ferramentas específicos da prática (ferramentas de campo, de laboratório)

Figura 4- Educandos em atividades práticas



Fonte: Arquivo da educadora Gilberta Souto

IMPORTANTE: A realização de práticas deve estar associada ao trabalho como princípio educativo, deve ser refletiva e articulada à teoria.

V. PESQUISA DO TEMPO COMUNIDADE

A pesquisa do tempo comunidade é uma metodologia própria dos cursos desenvolvidos por meio da pedagogia da alternância, onde são alternados tempos e espaços de aprendizagem. É o momento para que os educandos adquiram a prática da pesquisa e da construção do conhecimento.

As atividades de pesquisas do tempo comunidade se traduzem em formas de aprendizagens, a partir da qual os educandos desenvolvem suas capacidades para viver e intervir no meio, através do acesso a conhecimentos e saberes nas suas dimensões políticas, históricas e naturais (ALMEIDA; PAIXÃO, 2017).

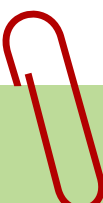
Na aplicação da pesquisa do tempo comunidade, os educandos e educandas a partir da sua vivência, buscam os aspectos reais que fazem parte do seu cotidiano, e que envolvem sua propriedade, família, vizinhos, comunidade, entidades, entre outros, para trazer para o espaço de tempo escola e socializar com seus colegas e educadores e educadoras.

Para esta pesquisa é organizado um plano de estudo, que se constitui de um roteiro de atividades a serem desenvolvidas durante o período em que o educando está em tempo de formação comunidade. Este



roteiro é composto por atividades de leitura, pesquisas e levantamento de dados com base no eixo temático estudado e atividades de trabalho.

O plano de pesquisa deve conter: as problemáticas a serem pesquisadas, os objetivos da pesquisa, a metodologia a ser utilizada, os recursos necessários, bem como os produtos a serem elaborados.



COMO FAZER:

1. Elaborar o plano de pesquisa, definindo as problemáticas a pesquisar, os objetivos, os procedimentos a seguir, recursos necessários e os produtos a serem elaborados
2. Entregar aos educandos o roteiro elaborado
3. Orientar os educandos sobre todos os procedimentos a serem adotados no desenvolvimento da pesquisa
4. Acompanhar o desenvolvimento das atividades executadas pelos educandos em suas comunidades

Socializando uma proposta de pesquisa...

PLANO DE ATIVIDADES - 6º TEMPO COMUNIDADE⁵

1 - Introdução - Estudo do Sistema de Produção familiar e dos Subistemas de Criação de Animais e Subistemas de Cultivo de Quintais e produção, com a identificação das formas de trabalho.

Prezados educandos e educandas, estamos entrando em mais uma fase de estudos no tempo comunidade. Este documento visa orientar as ações para realização das atividades deste 6º Tempo Comunidade, buscando fornecer subsídio sobre as suas realidades de produção agrícola a fim de aprofundar os conhecimentos dos diversos conteúdos trabalhados no Tempo Escola.

2 - Objetivos

- Conhecer a área de cultivo e criação;
- Identificar os tipos de animais do lote agrícola;
- Classificar as espécies vegetais cultivadas na roça e nos quintais;
- Fazer o levantamento da quantidade de animais da propriedade;
- Identificar o manejo e o trabalho com os animais considerando os tipos de instalações e equipamentos;
- Demonstrar como é feito o cultivo das espécies vegetais;
- Demonstrar os tipos de alimentos dos animais e quais são os adubos utilizados nas culturas;
- Identificar os problemas sanitários dos animais e das culturas;
- Tornar evidente o destino da produção agrícola;

⁵ Plano de Atividades de Pesquisa de Tempo Comunidade desenvolvido no PROEJA do IFPA Castanhal

3 - Procedimentos de Pesquisa (Metodologia)

3.1. Todas as atividades devem ser realizadas com base nos conhecimentos construídos a partir das leituras e discussões em sala de aula (textos, trabalhos em grupo, seminários, debates, orientações).

3.2. - Para a realização dos trabalhos, deve haver pesquisas individuais e coletivas de acordo com a organização da turma (Grupos de Estudos).

3.3 - Atividades a serem desenvolvidas:

3.3.1 - Análise dos Sistemas de Criação de Animais e Cultivo de Quintais e Produção vegetal:

- Construir um croqui (esboço de algum espaço, com o objetivo de fazer uma representação rápida e simples do subsistema de criação e suas características) fazendo as respectivas medições para posterior análise de dados;
- Caracterizar os animais em conformidade com suas características externas (fenótipo); Trazer imagem e fazer a descrição dos animais;
- Caracterizar as ferramentas utilizadas no sistema de cultivo e produção;
- Realizar um levantamento das espécies das roças e dos quintais;
- Quantificar os animais por categoria animal (cria, recria e produção);
- Estabelecer os horários que são tratados os animais e a forma como são tratados;
- Montar um calendário sazonal (levar em consideração todos os meses do ano no intuito de sabermos qual a época do ano que são plantadas as espécies);
- Trazer amostra dos alimentos e adubos utilizados no subsistema de criação e de cultivo;
- Descrever os sintomas das doenças apresentadas pelos animais e pelas plantas;
- Demonstrar os fluxos da produção (os destinos dos alimentos produzidos, quais os alimentos consumidos e vendidos)

4 - Produtos solicitados:

- 1) Croqui;
- 2) Calendário sazonal;
- 3) Imagens;
- 4) As medições lineares (delimitar com o uso de trena as medidas correspondentes aos limites dos subsistemas de criação e de cultivo);

Figura 5 - Educadores em diálogo com educandos em visita tempo comunidade



Fonte: Arquivo do IFPA

VI. SOCIALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DO TEMPO COMUNIDADE

A socialização do tempo comunidade é uma atividade própria dos cursos desenvolvidos por alternância pedagógica, constituindo-se no espaço onde os educandos fazem a colocação em comum ou socializam as atividades realizadas durante o tempo comunidade.

A socialização configura-se em um espaço para que os educandos e educandas compartilhem as informações coletadas na pesquisa. Enseja-se que a atividade seja o ponto de partida para que os

educadores e educadoras possam planejar e desenvolver as ações formativas dos educandos e educandas para o tempo escola que se inicia. Dessa forma, é fundamental a participação nesse espaço e tempo formativo.



COMO FAZER:

1. Organizar os educandos em grupos por comunidade;
2. Organizar com os educandos as informações coletadas na pesquisa do tempo comunidade;
3. Orientar os educandos sobre como sistematizar das informações;
4. Definir com os educandos a forma de apresentação dos resultados da pesquisa (As informações obtidas na pesquisa podem ser socializadas em murais, painéis, exposições, slides, etc.
5. Ajudar os educandos na organização das informações e produtos a serem socializados;
6. Participar das apresentações dos resultados da atividade;
7. Avaliar os educandos.

MATERIAIS:

- Quadro para anotações
- Canetas diversas (ponta grossa)
- Equipamento audiovisual (Datashow)
- Flipchart ou cartolina
- Fita crepe

As experiências de socializações ...

Figura 6 - Atividades de Socialização



Fonte: Arquivo da educadora Regiara Modesto

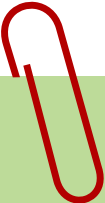
VII. MAPA FALADO

O mapa falado é uma das técnicas utilizadas pelas metodologias participativas, com o objetivo de apresentar os elementos da realidade. Para sua construção são utilizados fotografias, imagens, gravuras, desenhos, barbante, folhas, pedras, fitas coloridas, cartolinas, tintas, lápis de cor, entre outros recursos.

Esta técnica possibilita que os educandos, a partir dos seus conhecimentos prévios, estabeleçam correlações acerca dos mecanismos que interferem na dinâmica e na organização do espaço, compreendendo como os elementos naturais, sociais e culturais se constituem. Configura-se como um recurso didático para o trabalho em sala de aula, ou nas atividades de campo, em virtude de seu potencial de representação e visualização do espaço em diferentes escalas e perspectivas. Sua aplicação possibilita a capacidade de percepção dos elementos que fazem parte do espaço, a interação entre os componentes da sala, e impulsiona o educando a uma consciência crítica e cidadã. (DINIZ; VIEIRA, 2018)

Faria e Neto (2006) descrevem como uma ferramenta que permite discutir diversos aspectos da realidade de forma ampla, sendo muito utilizada como técnica exploratória, no início de um diagnóstico. Um desenho representativo do espaço ou território que está sendo objeto de reflexão, que pode ser um bairro, uma comunidade, um município, um país, uma universidade, entre outros.

Trata-se de uma técnica que tem como diretriz inicial partir dos conhecimentos prévios do educando para desvelar novos conhecimentos acerca da temática estudada. A articulação para sua construção é orientada pelo educador, que a partir do seu planejamento e dos objetivos da temática trabalhada realiza questionamentos para iniciar a representação do mapa.



COMO FAZER:

A Metodologia de construção do mapa, indicada por Faria; Neto (2006) evidencia alguns aspectos importantes, tais como:

1. Escolha de um local adequado, que seja amplo, para que seja bem conduzido;
2. Reunião do grupo ao redor do espaço escolhido;
3. O mediador da atividade explica o processo da construção;
4. Um componente do grupo desenha o lugar que está sendo estudado;
5. Inicia-se a representação dos elementos do lugar no espaço, conforme vão sendo lembrados;
6. A cada elemento representado no mapa, é importante realizar questionamentos, investigando o conhecimento que o grupo tem a respeito;
7. As informações expressadas são fundamentais por isso precisam ser registradas;
8. A reprodução do mapa no papel é importante, pois poderá servir para utilização posteriormente, como restituição, memória e sistematização de informações.

MATERIAIS:

- Quadro Branco
- Marcador de Quadro
- Canetas diversas
- Cartolinas ou outro papel grande
- Fita crepe

Figura 7 - Mapa Falado de Comunidade dos Educandos



Fonte: Arquivo da educadora Regiane Modesto

VIII. DIAGRAMA DE VENN (OU DIAGRAMA DE TORTAS)

O Diagrama de Venn é uma metodologia participativa. Consiste em um diagrama que identifica os grupos organizados da comunidade e as relações que estes têm entre si e com outras instituições locais e regionais fora da comunidade.

Esse diagrama é proveniente da matemática e recebe esse nome em homenagem ao lógico britânico John Venn, que o desenvolveu. O método consiste basicamente em agrupar elementos de um conjunto dentro de figuras geométricas, para ilustrar as relações lógicas entre conjuntos de itens, destacando os que são semelhantes e diferentes.

Trata-se de um diagrama de círculos de diferentes tamanhos, dispostos de forma a representar as relações existentes entre eles. Esta ferramenta foi adaptada para representar as relações entre os diferentes grupos de uma sociedade. Cada círculo representa um grupo da sociedade em questão, como um município, um bairro, uma região, entre outros (FARIA; NETO, 2006)

O Objetivo do diagrama de Venn é evidenciar as relações que se estabelecem entre os membros da comunidade e as instituições, na busca por identificar a importâncias desses elementos no processo de decisão e desenvolvimento da comunidade (VERDEJO, 2010).

O tamanho do círculo representa o poder do referido grupo, a distância entre os círculos exprime a relação entre os grupos. Caso sejam parceiros, colaboradores estarão próximos. (FARIA; NETO, 2006). Enquanto que as instituições que têm menos relações com a comunidade são desenhadas mais longe do círculo (VERDEJO, 2010).

COMO FAZER:



De acordo com Verdejo (2010) e Faria; Neto (2006) apresenta-se os procedimentos para sua construção.

1. Preparar previamente círculos de papel recortados em diferentes tamanhos;
2. Escolher um local com espaço adequado para a elaboração;
3. Reunir o grupo em torno do espaço escolhido;
4. Explicar os objetivos da técnica;
5. Apresentar a pergunta que norteará a desenvolvimento da técnica: “quais são os grupos formais e informais que atuam nesta realidade?”
6. Os participantes definem um tamanho de círculo para cada grupo e posicionam o círculo em relação aos demais. A colocação do primeiro círculo pode ser aleatória, porém os demais deverão ser dispostos de forma que distância entre eles indique a relação existente entre os respectivos grupos;
7. A cada grupo que for colocado, ou inter-relação entre os grupos, o mediador incentiva os sujeitos a falarem, apresentando o conhecimento que tem do grupo, por meio de perguntas como: o que faz este grupo? Como atua? Quem participa dele? Desde quando? Por quê?

- 
8. Poderá ser utilizadas linhas e setas para caracterizar o tipo de relações existentes entre os grupos, anotando os comentários que caracterizam o tipo de relações;
 9. Ao final, o grupo terá elaborado um desenho que demonstra as relações que permeiam aquela comunidade, de acordo com a visão de seus componentes.
 10. Convidar o grupo a olhar o desenho e refletir sobre o que observam, a partir do seu ponto de vista
 11. Uma vez concluído o desenho, poderá ser feita uma revisão do que foi construído

MATERIAIS:

- Quadro Branco
- Marcador de Quadro
- Canetas diversas
- Cartolinas ou outro papel grande
- Tesouras
- Fita crepe

IX. CAMINHADA TRANSVERSAL

A caminhada transversal é uma ferramenta utilizada para descrever e mostrar a localização e a distribuição de recursos naturais, as características, a paisagem e os principais usos da terra em um local.

Como metodologia participativa, a caminhada transversal permite obter informação sobre os diversos componentes dos recursos naturais, a vida econômica, as moradias, as características de solos, etc. É realizada por meio de uma caminhada linear, que percorre um espaço geográfico com várias áreas de uso e recursos diferentes. Ao longo da caminhada se anotam todos os aspectos que surgem pela observação dos participantes em cada um dos espaços que se percorre (VERDEJO, 2010).

Dessa forma, os participantes da caminhada no percurso conhecem as áreas de produção, a mata, pastagens, córregos, igarapés, observam problemas ambientais, como erosão, desmatamento, entre outros.

O objetivo desta ferramenta, de acordo com verdejo (2010) é discutir, refletir e identificar a partir de um diagrama as diferentes áreas ecológicas e topográficas dentro dos limites da comunidade com seus diferentes usos, problemas associados e potenciais de desenvolvimento. Para tanto indica procedimentos que podem ser adotados para a realização da atividade.

COMO FAZER:

1. Formar o grupo e explicar o objetivo e os elementos da caminhada;
2. Escolher um percurso com base no mapa de recursos naturais ou da comunidade elaborados anteriormente;
3. Realizar o percurso pelo trajeto escolhido, anotando as características principais e as mudanças encontradas;
4. Lustrar a informação obtida durante o percurso sobre uma folha de papel grande, mostrando o perfil do terreno com as diferentes zonas encontradas e seus nomes;
5. Com base numa discussão com os participantes, indicar sobre o diagrama as informações fundamentais sobre o uso e estado dos recursos em cada área, a distância de uma área à outra, o uso dado à terra e à vegetação, O que se cultiva, a qualidade do solo, Como é o relevo, que tipos de animais são criados, quem trabalha e quem se beneficia dos diferentes recursos, os problemas existentes na área, as mudanças ocorridas no passado.

MATERIAIS:

- Cartolinas ou outro papel grande;
- Canetas diversas;
- Fita crepe.

X. AULA EXPOSITIVA DIALOGADA

A aula expositiva dialogada é uma das estratégias mais utilizadas no desenvolvimento da prática pedagógica do educador.

De acordo com Oliveira de Jesus (2017), embora a aula expositiva seja considerada uma forma de trabalho tradicional, reelaborada na perspectiva do diálogo, valoriza os conhecimentos do educando, como meio de superar o suposto estímulo de perguntas e respostas, em um processo voltado para atingir os objetivos desejados e oportunizados em sala de aula, com descobertas compartilhadas e instigadas pela problematização na busca pelo conhecimento.

A aula expositiva dialogada supera o ato de palestrar, revelando-se uma estratégia metodológica na qual o educando tem uma participação ativa, a partir da consideração de seus conhecimentos prévios como o ponto de partida do processo de ensino, com suas observações consideradas, analisadas e respeitadas num clima de respeito e diálogo entre educando e educador (ANASTASIOU; ALVES, 2004).

Essa estratégia, sob o viés do diálogo torna-se interessante do ponto de vista de troca de saberes e experiências entre os sujeitos que dela participam. A exposição do conteúdo com participação ativa dos educandos, considerando os seus conhecimentos prévios conduz ao questionamento, interpretação e discussão do que está em estudo, a partir da mediação do educador.

Como Fazer

1

Organizar o local de forma que possa propiciar o diálogo entre os participantes;

- 
- 2 Reunir o grupo no espaço;
 - 3 Apresentar a temática a ser desenvolvida;
 - 4 Iniciar perguntando aos educandos sobre o que sabem do tema;
 - 5 Com base nas informações dos educandos passar a apresentação dos conceitos e informações do assunto tratado;
 - 6 Durante a exposição sempre questionar os educandos sobre o tema, confirmando as respostas, esclarecendo os equívocos;
 - 7 Realizar avaliação da atividade.

MATERIAIS:

- Quadro Branco
- Marcador de quadro Branco
- Equipamento para projeção
- Cartolinas
- Canetas diversas
- Tarjetas
- Fita crepe

X1. RODA DE CONVERSA

A Roda de Conversa é uma metodologia que aproxima os sujeitos do processo educativo, constituindo-se em uma comunicação dinâmica e produtiva entre os educandos e educadores.

Roda de Conversa tem a característica de permitir que os participantes expressem, concomitantemente, suas impressões, conceitos, opiniões e concepções sobre o tema proposto, assim como permite trabalhar reflexivamente as manifestações apresentadas pelo grupo (MELO; CRUZ, 2014).

As rodas de conversa abrem espaço para que educadores e educandos estabeleçam um espaço de diálogo, interação, escuta e partilha, ampliando as percepções que cada um tem de si e do outro com quem compartilha o cotidiano escolar, e processos de construção do conhecimento.

A partir da metodologia da roda de conversa pode ser trabalhado qualquer tema, de forma que este momento possa se configurar como momento em que os educandos e educandas emitem suas opiniões sobre um determinado tema a ser tratado na aula, decidem sobre o desenvolvimento de um projeto, uma aula prática, uma visita de estudos, apreciam uma imagem, uma história, analisam uma notícia, um acontecimento na comunidade local ou no mundo, uma nova informação, noticiam assuntos acerca de sua própria vida, avaliam seu percurso na construção do conhecimento e do crescimento pessoal e coletivo, entre outros.

Como Fazer

- 1 Reunir o grupo em roda no espaço escolhido;
- 2 Apresentar a temática a ser desenvolvida;
- 3 Iniciar perguntando aos educandos sobre o que sabem do tema;
- 4 Oportunizar a participação de todos os educandos;
- 5 Ir esclarecendo, tirando dúvidas e expondo informações novas sobre a temática;
- 6 Disponibilizar textos para aprofundamento do assunto estudado

7

Fazer o registro do aprendizado no quadro ou em papeis

8

Realizar avaliação da atividade

MATERIAIS:

- Quadro Branco
- Marcador de quadro Branco
- Papeis para anotações
- Canetas diversas

Figura 8 - Educandos em atividade de roda de conversa e práticas de dança



Fonte: Arquivo da educadora Shirley Nascimento

Roteiro de atividade de Roda de Conversa⁶

(Atividade de aula de Educação Física)

Tema **As danças na comunidade**

Objetivo Vivenciar as relações entre as práticas corporais cotidianas e a dança, a partir da compreensão dos fundamentos e realidades compartilhadas

Procedimentos

- Iniciar a atividade motivando os educandos para que tragam suas experiências sobre a temática, partilhando com o grupo sobre se gostam de dançar, se dançam, o que gostam de dançar
- Apresentação do Conceito geral da dança,
- Organizar os educandos em grupo para que pensem em movimentos corporais relacionados ao trabalho doméstico e apresentem os movimentos de forma coletiva
- Durante a socialização dos movimentos pelos educandos falar e inserir ritmo e tempo na realização dos movimentos
- Cuidar para que todos possam participar da apresentação dos movimentos,
- Inserir uma música para que possam transmitir a mensagem corporal construída por todos,
- Refletir com os educandos sobre a mensagem corporal que a dança pode transmitir que está diretamente relacionada com as práticas culturalmente e socialmente vivenciadas pelos educandos,
- Refletir com os educandos sobre em quais espaços e de que forma eles percebem a manifestação das danças nas suas comunidades,
- Vivenciar um ritmo de dança presente na comunidade

Avaliação

- A avaliação será realizada considerando a interação e participação teórico-prática dos educandos e o próprio mapa musical, a sua percepção sobre o desenvolvimento da atividade

6 Roteiro elaborado com base na atividade de roda de conversa desenvolvida pela educadora Shirley Nascimento com os educandos do PROEJA do IFPA Castanhal



XII. OFICINA PEDAGÓGICA

A oficina pedagógica é uma metodologia de aprendizagem fundamentada na troca de experiências e construção coletiva do conhecimento, sendo aberta a vivências, diálogos e partilha de saberes. Constituem-se de momentos em que se trabalha ativamente, envolvendo os educandos em um aprendizado prático em sala de aula.

Corcione (2004) enfatiza que o processo de construção e/ou execução de peças, trabalho, conserto, reparo, criatividade, transformação, processo de montagem, são todas ideias que compõem o significado da oficina, que se constitui num espaço privilegiado de criação e descobertas, onde se aprende fazendo, não somente com a cabeça, mas com o corpo todo, sendo trabalhadas distintas dimensões do ser humano.

A oficina pedagógica promove um trabalho mais dinâmico e prazeroso, o indivíduo faz uma conexão com o sentir, pensar e agir. De acordo com o tema deve-se buscar metodologia que sugere maior liberdade para expressar os seus sentimentos e a forma de enxergar o mundo de forma holística, promovendo autoconfiança entre os participantes na construção do conhecimento coletivo (AMARAL; ALMEIDA, 2015).

Numa oficina é comum a introdução da dança, da poesia, da pintura, da modelagem, de brincadeiras e dinâmicas de grupo. O que se produz tem natureza pluridimensional e será sempre algo concreto, como um desenho, uma expressão musical ou plástica, uma colagem, uma expressão corporal, um cartaz, um texto, entre outros (CORCIONE, 2004).

Nessa perspectiva, as oficinas são uma prática coletiva, permeada pela ludicidade, o prazer, o gosto em se criar, produzir, por meio da interação e comunicação entre os sujeitos participantes, que socializam, experimentam, partilham, produzem, descobrem e constroem conhecimentos.

De acordo com Corcione (2004), uma oficina é um processo que exige planejamento e coordenação, na qual deve se preocupar com a construção coletiva do conhecimento, fundamentando-se em fontes bibliográficas para contribuir com o aprofundamento teórico sobre a temática tratada, sendo fundamental que seja realizada de forma co-participativa, valorizando a contribuição de cada participante do grupo.

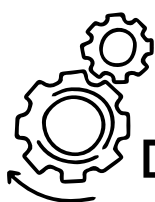
COMO FAZER



1

Planejar

- Definição do objetivo geral da oficina e os resultados esperados;
- Preparar materiais para distribuição e uso nas atividades da oficina
- Organizar murais, recursos audiovisuais



2

Desenvolver

- Reunir os participantes em grupos;
- Explicar a atividade e os objetivos;
- Orientar os educandos quanto à tarefa a realizar;
- Apresentar os principais conteúdos relacionados ao tema;
- Informar o tempo disponível para a atividade;
- Observar as interações entre os participantes.



3

Avaliar

- Os participantes fazem avaliação do aprendizado;
- Educador avalia os resultados do aprendizado no desempenho individual e grupal dos educandos.

MATERIAIS:

- Quadro Branco
- Marcador de quadro Branco
- Equipamento audiovisual para projeção
- Textos sobre a temática
- Papeis para anotações
- Tarjetas

- Canetas diversas

- Cartolina

- Barbante

- Fita crepe

XIII. EXIBIÇÃO DE FILME

A utilização de filmes como recurso pedagógico oportuniza aos educandos experiências motivadoras de reflexão sobre a realidade, possibilitando a vivência de uma educação problematizadora e dialógica.

São inúmeras as formas de uso de filmes em sala de aula, cabendo ao educador encontrar neles alguma forma de explorar o conteúdo que será estudado com os educandos. O filme não deve ficar atrelado à disciplina em si, pois se entende que pode possibilitar melhoria na forma de lidar com os educandos, uma vez que além de trabalhar os conhecimentos científicos estudados na sala de aula, transmite valores sociais importantes para o convívio do sujeito fora da escola (REIS; STROHSCHOEN, 2018).

Utilizado como um recurso tecnológico educacional didático problematizador, o filme possibilita a construção do conhecimento, pois traz significados, sendo visto pelos jovens como um entretenimento agradável e moderno, contribuindo para uma aprendizagem dialógica e participativa, oportunizando esquemas mentais que proporcionam a aprendizagem dos conceitos estudados (TOMASI; BORTOLI, 2017). Além de que, como prática pedagógica pode proporcionar ao educando interesse pelo conhecimento e pela pesquisa, sendo uma possibilidade metodológica para o educador se apoiar nos processos de ensino e de aprendizagem que possibilite o educando refletir sobre suas vivências como via de transformação da realidade e melhorar o seu estar no mundo (REIS; STROHSCHOEN, 2018).

Tomasi; Bortoli (2017) compreendem que a utilização de filmes como ferramenta pedagógica requer do educador disponibilização de tempo e planejamento, para formação de sujeitos críticos capazes de discernir sobre as informações abordadas para compreender os conteúdos tratados, que estimule a investigação, interação e ampliação dos conhecimentos.

Como Fazer

- 1 Divulgar o filme, expondo qual a temática será tratada;
- 2 Entregar um roteiro com questões e aspectos a serem observados pelos educandos;
- 3 Exibir o filme;
- 4 Após a exibição realizar questionamentos sobre o que os educandos observaram;
- 5 Esclarecer sobre questões tratadas, tirar dúvidas e aprofundar questões do tema tratado;
- 6 Disponibilizar textos para aprofundamento do assunto estudado;
- 7 Se necessário solicitar registro escrito sobre as percepções dos educandos;
- 8 Realizar avaliação da atividade.

MATERIAIS:

- Filme;
- Cópias do roteiro com questões a observar;
- Televisão e Aparelho DVD ou Datashow;
- Papeis para anotações;
- Canetas diversas.

XIV. JOGOS E BRINCADEIRAS

Os jogos e brincadeiras são recursos pedagógicos que oportunizam aos educandos a compreensão dos conteúdos estudados de maneira prazerosa, de forma interativa com o educador e demais educandos, resultando desse processo a aprendizagem.

Os jogos não são apenas um entretenimento, mas também podem se configurar como uma atividade de ensino que possibilita a aprendizagem de várias habilidades. Através dos jogos, o educador poderá explorar conceitos, reforçar conteúdos, testar conhecimentos já adquiridos, interagindo com os educandos, desenvolvendo a autoconfiança do educando, para a elaboração de estratégias a serem aplicadas na resolução de problemas no cotidiano escolar (PARANÁ, 2013).

Lutz; Souza; Mann (2018) salientam que a utilização de atividades lúdicas no processo de ensino e aprendizagem além de proporcionar a investigação e o questionamento, torna as aulas um momento de grande participação e satisfação do grupo. Entretanto, ressalta-se que não basta apenas ser um jogo em grupo, é preciso agregar valores de conhecimento e assimilação, contribuindo para a compreensão e o enriquecimento dos conhecimentos e realidade dos educandos.

COMO FAZER:

- 1 Reunir os educandos em torno do espaço escolhido;
- 2 Incentivar aos educandos que falem sobre os jogos que conhecem;
- 3 Falar sobre o jogo, explicando seus objetivos e como será realizado;
- 4 Realizar a atividade de forma que todos se envolvam;
- 5 Observar a interação dos participantes;
- 6 Realizar avaliação da atividade com os educandos

MATERIAIS:

- Papeis para anotações;
- Canetas diversas.
- Cartolinas
- Materiais diversos que poderão ser utilizados na elaboração e realização do jogo

Uma proposta de atividades com jogos...

Roteiro de Atividades com Jogos

Tema: “Jogando com o Açaí: relações entre corpo, ludicidade e cultura nas aulas de Educação Física no IFPA/Castanhal”

Objetivo: desenvolver a partir do açaí diversas possibilidades de vivências lúdicas no trato do conteúdo jogo

Metodologia: atividades teóricas e práticas, em que primeiro vivenciou-se o jogo e seus elementos, o mapeamento de alguns jogos populares presentes na realidade dos educandos, construção de jogos, realização de uma gincana, mediada pelos próprios educandos do PROEJA, com uma turma convidada desta instituição

Materiais utilizados: caroços dos açaís e a peçonha, elemento utilizado para facilitar a colheita do fruto

Resultados: enriquecimento do vocabulário corporal, vivências dos princípios da coletividade, vivências de movimentos naturais do ser humano como o andar, o correr, o saltar, o pular, o balancear-se e arrastar-se, novos olhares em relação aos saberes culturais, valorização da cultura corporal

Figura 9 – Educandos em atividades de jogos com o Açaí



Fonte: Arquivo da educadora Shirley Nascimento

7 Roteiro elaborado a partir de atividades de jogos desenvolvidos nas aulas de Educação Física, pela educadora Shirley Nascimento com os educandos do PROEJA do IFPA Castanhal.

XV. PAINÉIS PEDAGÓGICOS

Os painéis pedagógicos expressam o cotidiano vivido pelos sujeitos na escola, demonstrando visualmente os conhecimentos e saberes partilhados, constituindo-se na materialização do conjunto de experiências vividas no processo de formação.

Mesmo não sendo uma metodologia inovadora, os painéis são um recurso importante, para socializar o conhecimento construído em sala de aula, por meio da comunicação visual.

Os painéis são constituídos pelos trabalhos elaborados pelos educandos e educandas, como cartazes, poesias, textos variados, desenho, imagens, fotografias, entre outros.

COMO FAZER:

1

Organizar o espaço escolhido de forma que as produções dos educandos e educandas possam ser expostas;

2

Expor as atividades realizadas pelos educandos e educandas;

3

Realizar a atividade de forma que todos se envolvam;

MATERIAIS:

- Quadro para afixar os materiais produzidos;

- Marcador de quadro Branco

- Canetas diversas

- Cartolinas

- Papeis diversos

- Fita crepe

- Cola

- Revistas

- Materiais diversos que poderão ser utilizados na organização e montagem do painel

Figura 10 – Painéis de trabalhos dos Educandos



Fonte: Arquivo da educadora Regijara Modesto

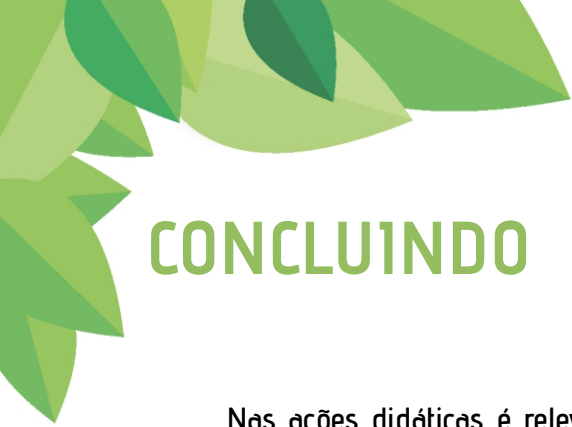
RECOMENDAÇÕES SOBRE A PRÁTICA DE AVALIAR...

A metodologia a ser adotada para avaliação dos educandos que fazem parte da EJA, dada as peculiaridades dos sujeitos não pode estar dissociada do fazer pedagógico pautado no diálogo, no reconhecimento dos saberes e experiências dos educandos.

A avaliação nesta perspectiva se faz para diagnosticar o desenvolvimento do processo de aprendizagem, visando à reflexão e proposição de alternativas para melhorar o percurso, os métodos e resultados da formação dos educandos e educandas.

Recomenda-se a utilização das propostas de técnicas de avaliação elaboradas por Almeida e Paixão (2017) que apresentam algumas propostas de fichas com orientações organizadas no contexto de nortear as práticas avaliativas da EJA, com a utilização de algumas das metodologias que fazem parte deste caderno

Para saber mais consultar: ALMEIDA, J C.; PAIXÃO, A. J. Interface entre a pedagogia da alternância e o PROEJA: uma proposta de avaliação do processo de ensino e aprendizagem. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2017.



CONCLUINDO

Nas ações didáticas é relevante que o educador possa diversificar as metodologias utilizadas, considerando as características dos educandos. Para alguns escrever pode ser uma atividade fácil, em outra situação, como por exemplo, cálculo pode ter dificuldade. Dadas às peculiaridades das disciplinas e temas propostos as atividades com diversificação de metodologias se tornam mais atraentes e menos cansativas.

Contudo, ressalta-se que diversificar as atividades pedagógicas, não significa ter a responsabilidade de criar uma novidade a cada aula, mas criar formas de diversidade, de caminhos, tempos, lugares e de olhar, numa aula onde a lógica didática mais tradicional dê lugar à experiência inteira do aprender: ver, agir, pensar, fazer, experimentar, com todos os sentidos acionados (MEC, 2006).

O fundamental é que todas as estratégias que buscam a valorização dos saberes e propiciam o diálogo devem ser evidenciadas, estando presentes no contexto das ações formativas dos sujeitos jovens e adultos, que constituem a EJA.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, I. C. L.; COSTA, I. R. O seminário como estratégia de ensino aprendizagem na aula universitária: redimensionando a prática pedagógica. Anais do XIV EDUCERE Congresso Nacional de Educação Formação de Professores: contextos, sentidos e práticas. Curitiba-PR, 2017. Disponível em: https://educerebruc.com.br/arquivo/pdf2017/24215_13257.pdf. Acesso em 22.06.2019.

ALMEIDA, I. C.; PAIXÃO, A. I. P. **Interface entre a pedagogia da alternância e o PROEJA**: uma proposta de avaliação do processo de ensino e aprendizagem. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2017.

AMARAL, A. S.; ALMEIDA, A. S. Atividade interdisciplinar sobre educação alimentar aplicada no colégio estadual Dr. Orlando Leite em vitória da conquista – BA, 2015. Disponível em: <http://www.emdialogouff.br/content/atividade-interdisciplinar-sobre-educacao-alimentar-aplicada-no-colegio-estadual-dr-orlando>. Acesso em 22.06.2019

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. E. Estratégias de ensinagem. In: ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. (Orgs.). **Processos de ensinagem na universidade**. Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 3. ed. Joinville: Univille, 2004.

ARAÚJO-OLIVEIRA, A. O olhar da pesquisa em educação sobre a multidimensionalidade subjacente às práticas pedagógicas. In: FAZENDA, I. **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

BIAZOTI, A.; ALMEIDA, N.; TAVARES, P. (orgs.). **Caderno de metodologias**: inspirações e experimentações na construção do conhecimento agroecológico 1. Ed. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2017.

BRASIL. Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006. Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. Diário Oficial da União, Brasília, 14 jul 2006.

BRASIL. Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

CALDART, R. S. Elementos para construção do projeto político pedagógico da educação do campo. In: MOLINA, M. C.; JESUS, S. M. S. A. (orgs.) **Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação do Campo, 2004

CORCIONE, D. Fazendo Oficina. In: **Vivências e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde do Brasil**. VER-SUS Brasil: Cadernos de Textos. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

COSTA, M. N. M. G.; ARAÚJO, R. P. A importância da visita técnica como recurso didático metodológico. Um relato na prática do IFSEPTÃO Pernambucano. VII CONNEPI. Anais do Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação. Ciência, Tecnologia e Inovação: ações sustentáveis para o desenvolvimento regional. Palmas-Tocantins, 2012.

DINIZ, E. L. S.; VIEIRA, I. A. As contribuições das metodologias participativas no ensino de Geografia: Uma experiência do Mapa Falado. Anais do I Colóquio Internacional de Educação Geográfica. Maceió, 2018.

FARIA, A. A. C.; NETO, P. S. **Ferramentas do diálogo – qualificando o uso das técnicas do DRP**: Diagnóstico Rural Participativo. Brasília: MMA; IEB, 2006.

FARIA, A. R. C. Visitas de estudo um desafio pedagógico no ensino da história. (Trabalho). Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Portugal, 2014.

GADOTTI, M. **Por uma política nacional de educação popular de jovens e adultos**. 1ª ed. São Paulo: Moderna: Fundação Santillana, 2014.

GAUDENS, E. G.; OLIVEIRA, V. L. B. As atividades práticas na construção do conhecimento do aluno de EJA no ensino de ciências. In: **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor**. Caderno PDE. Vol. 1, Paraná, 2014. ISBN 978-85-8015-080-3

GOMES, M. A. O et. al. O trabalho como princípio educativo: a atualidade da educação politécnica. **Revista Exitus**, v. 4, n. 1, p. 255-274, jan-jun, 2014.

HERNÁNDEZ, E; VENTURA, M. **A organização do currículo por projetos de trabalho**: o conhecimento é um caleidoscópio 5 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

IFPA. Plano do Curso Técnico em Agropecuária integrado com o ensino Médio modalidade de Educação de jovens e Adultos com alternância pedagógica e enfoque agroecológico. Castanhal: IFPA Castanhal, 2013.

LEITE, A. C. S.; SILVA, P. A. B; VAZ, A. C. R. A importância das aulas práticas para alunos jovens e adultos: uma abordagem investigativa sobre a percepção dos alunos do PROEF II. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v.07, n.03 p.166-181, set./dez. 2005

LUTZ; SOUZA; MANN. A implantação do lúdico como forma de aprendizagem de biologia a alunos do ensino médio na modalidade proeja. **EJA em Debate**. IFSC-ES. Ano 7. n. 11, 2018.

MEC. Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos: a sala de aula como espaço de vivência e aprendizagem. **Cadernos temáticos EJA**. vol.2. Brasília, 2006.

MELO, M. C. H.; CRUZ, G. C. Roda de conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no ensino médio. **Imagens da Educação**, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014.

MELO, R. A.; LIMA, M. G. S. B; COSTA, A. F. M. O currículo das escolas do campo e a articulação dos saberes da cultura camponesa aos conhecimentos escolares. **Revista Camine**: Caminhos da Educação, Franca, v. 6, n. 2, 2014.

MOLINA, M. C. (org.) **Educação do Campo e Pesquisa II**: questões para reflexão. Brasília: MDA/MEC, 2010.

OLIVEIRA DE JESUS, E. **A aula expositiva dialogada como procedimento metodológico para a abordagem da temática relevo na geografia escolar**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Goiânia, 2017.

OLIVEIRA, H. As potencialidades didáticas das visitas de estudo: a percepção dos alunos sobre a aprendizagem desenvolvida. XIII Colóquio Ibérico de Geografia. Respuestas de La Geografía Ibérica a La crisis actual. Santiago de Compostela, 2012. Disponível em: <http://repositorioaberto.uppt/bitstream/10216/64778/2/helderoliveirapotencialidades000179141.pdf>. Acessado em 13.06.2019.

PARANÁ. Secretaria de Educação. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor:** Produções Didático-Pedagógicas. Cadernos PDE. Paraná, 2013. ISBN 978-85-8015-075-9.

PAZ, E. C.; NASCIMENTO, P. L. S.; SILVA, I. P. Seminário como estratégia na prática docente do ensino superior. Anais do III Congresso Nacional de Educação. V. 1, 2016. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA3_ID12599_17082016210253.pdf. Acesso em 13.06.2019.

RATO, V. I. E. A importância das visitas de estudo na aprendizagem: Concepções de alunos e professores. Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção de grau de mestre em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico. Instituto Politécnico de Lisboa: Lisboa, 2016.

REBELO, B. J. R. L. A. **Visitas de Estudo: Uma Estratégia de Aprendizagem.** (Dissertação) Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2014.

REIS, E. F.; STROHSCHOEN, A. A. G. Filmes na sala de aula como estratégia pedagógica para aprendizagem ativa. Educação Pública, 2018. Disponível em <https://educacaopublica.cederj.edu.br/artigos/18/15/filmes-na-sala-de-aula-como-estrategia-pedagogica-para-aprendizagem-ativa>. Acesso em 22.06.2019.

RIBEIRO, E. L. L.; OLIVEIRA, S. F. **Pedagogia de Projetos no ensino interdisciplinar de Linguagens e Arte:** o caso do Sarau do Curso de Letras do Uni-FACEF. Revista Eletrônica de Letras (Online), v.10, n.1, edição 10, jan-dez. 2017.

RODRIGUES, F. Q. O. Proneza no Estado do Acre: da Reforma Agrária dos seringueiros à formação técnica em Agroecologia. In: MOLINA, M. C.; SANTOS, C. A.; MICHELOTTI, F.; SOUSA, R. P. (orgs.) **Práticas contra-hegemônicas na formação dos profissionais das Ciências Agrárias:** reflexões sobre Agroecologia e Educação do Campo nos cursos do Proneza. Brasília: MDA, 2014.

SOUTO, G. C. **Pedagogia de projetos em experimento no cultivo orgânico de cenoura (Daucus carota, L):** estudo de caso com a turma do programa nacional de integração da educação profissional com a educação básica na modalidade educação de jovens e adultos. PROEJA Quilombolas. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural:** a importância ecológica das sabedorias tradicionais. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

TOMASI, B. M. H.; BORTOLI, M. M. A utilização de filmes como recurso pedagógico em aulas de química: uma abordagem contextualizada com o tema drogas lícitas. **Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia.** Medianeira, v.8, n. 15, 2017. ISSN: 2175-1846

VERDEJO, M. E. **Diagnóstico rural participativo:** guia prático DRP3ª Ed. Brasília: MDA. Secretaria da Agricultura Familiar, 2010.